



Temas Livres

LITERATURA AFRO-AMERICANA EM TRADUÇÃO: SENTIDOS E PERCEPÇÕES

AFRICAN AMERICAN LITERATURE IN TRANSLATION: MEANINGS AND PERCEPTIONS

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 ffanuel@gmail.com



ID

Gabriela Alíria Freitas Torreão²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 gabrielaftorreao@gmail.com



ID

Larissa Teixeira Moraes³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 larissateixmoraes@gmail.com



ID

RESUMO: Este artigo investiga as percepções de leitores brasileiros sobre diferentes abordagens tradutórias aplicadas à literatura afro-americana. A partir da análise de um questionário online com 186 participantes, foram comparadas versões de trechos traduzidos por estratégias mais literais e mais adaptadas, com ênfase em aspectos culturais, linguísticos e estilísticos. Os resultados indicam uma nítida preferência por traduções que recriam sentidos com atenção à oralidade, ao ritmo e às marcas culturais das comunidades afro-diaspóricas. As versões mais adaptadas foram amplamente consideradas mais eficazes por sua fluidez, acessibilidade e impacto afetivo. A pesquisa reforça a importância de uma agência tradutória crítica e engajada, que reconheça a tradução literária como prática de recriação e mediação cultural, rompendo com a noção de fidelidade como valor absoluto. Ao visibilizar o papel do tradutor, o estudo contribui para os debates contemporâneos sobre tradução e literatura, ressaltando a importância de um compromisso com o (con) texto de chegada e suas ressonâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária; Literatura afro-americana; Oralidade; Recepção; Agência tradutória.

ABSTRACT: This article investigates Brazilian readers' perceptions of different translation strategies applied to African American literature. Based on the analysis of an online survey with 186 participants, the study compares translated excerpts rendered through more literal or more adaptive approaches, focusing on cultural, linguistic, and stylistic dimensions. Results show a strong preference for translations that recreate meaning by emphasizing orality, rhythm, and cultural markers of Afro-diasporic communities. Adapted versions were largely considered more effective due to their fluency, accessibility, and affective impact. The research highlights the relevance of a critical and engaged translational agency, viewing literary translation as a practice of recreation and cultural mediation rather than mere fidelity. By making the translator's role visible, this study contributes to contemporary debates on translation and literature, highlighting the importance of a committed engagement with the target (con)text and its resonances.

KEYWORDS: Literary translation; African American literature; Orality; Reception; Translational agency.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 27 (Jul-Dez/2025)

Informações sobre os autores:

1 Professor Adjunto do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Procientista (UERJ/FAPERJ), Jovem Cientista do Nossa Estado (FAPERJ), Doutor em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com estágio CAPES/Fulbright no Dartmouth College, EUA.

2 Discente do curso de Letras – Inglês e Literaturas de Língua Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Iniciação Científica CNPq no projeto "Discursos Literários Negros em Tradução".

3 Discente do curso de Letras – Inglês e Literaturas de Língua Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Iniciação Científica Voluntária no projeto "Discursos Literários Negros em Tradução" e Bolsista de Extensão do Centro Latinoamericano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)



10.29281/rd.v13i27.18331

Fluxo de trabalho

Recebido: 02/07/2025

ACEITO: 09/12/2025

Publicado: 15/12/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

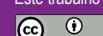
Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio
Plagius



INTRODUÇÃO

A tradução de textos literários é um campo complexo e multifacetado, exercendo um papel central nos intercâmbios interculturais de ideias. Os caminhos e soluções adotados por tradutores na busca por aquilo que se convencionou chamar de “boa tradução” também se revelam diversos, refletindo a diversidade das abordagens teóricas e práticas no campo dos estudos tradutórios. Ao ser vertida para outra língua, a obra literária tem seu acesso ampliado a novos públicos, que passam a integrar sua circulação simbólica. Dessa maneira, as traduções funcionam como desdobramentos interpretativos do texto-fonte, contribuindo para sua continuidade e ressignificação ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais. Como teorizou Walter Benjamin (2010), no seu conhecido ensaio sobre a tarefa do tradutor, a traduzibilidade é intrínseca à obra literária que irrompe na história e permanece relevante em seu estágio de “pervivência” (*Fortleben*): “Traduções que são algo mais do que meras transmissões surgem quando uma obra tiver chegado, na sua pervivência, à época de sua glória” (Benjamin, 2010, p. 207).

Em *Literary translation: a practical guide*, Clifford E. Landers (2001) analisa a complexa dinâmica do ofício ao discutir a posição do tradutor entre o autor e o leitor. Idealmente, o tradutor se situa equidistante entre o texto-fonte e o público-alvo. No entanto, na prática, essa relação tende a ser assimétrica, oscilando entre uma maior adesão às estruturas e marcas do texto de partida e uma reformulação orientada pelas convenções culturais da comunidade de recepção. Para ilustrar essa tensão decisória, Landers (2001) introduz os conceitos de “sourcerers” (pró-fonte) e “targeteers” (pró-alvo): os primeiros priorizam a manutenção de elementos formais, linguísticos e culturais do texto de partida, ainda que isso possa comprometer a fluência na língua de chegada; os segundos, por sua vez, privilegiam a naturalidade e a acessibilidade, ajustando referências e estruturas para melhor dialogar com o público-alvo, mesmo que isso envolva transformações significativas. Diante disso, é esperado que o tradutor reflita sobre as implicações da sua prática, avaliando criticamente suas escolhas no processo de recriação textual e cultural.

Vale observar que essa reflexão crítica sinaliza a própria ideologia da tradução, que, como explica Maria Tymoczko (2010), não é totalmente dependente do texto-fonte ainda que sua mensagem seja abertamente política. Como um ato de fala complexo, a tradução é marcada por forças locucionárias (o que se diz), ilocucionárias (a intenção ao dizer) e perlocucionárias (o efeito no outro do que se diz) que atuam tanto no texto de partida quanto no texto traduzido (Tymoczko, 2010). Assim, a tradução se configura como uma “metaenunciação” (*metastatement*), ou seja, uma enunciação interpretativa sobre o texto-fonte, cujos efeitos ideológicos não se limitam ao conteúdo fonte, mas se constroem nas relações entre os diversos atos de fala mobilizados em contextos culturais



distintos. Mesmo em modelos simplificados, a ideologia de uma tradução resulta de uma combinação complexa de fatores que vão desde o conteúdo e a forma como o texto de partida representa seu tema, até os atos de fala que realiza em seu contexto de origem. A esses fatores se somam as escolhas interpretativas do tradutor, a pertinência do contexto de chegada, os atos de fala mobilizados na tradução e as possíveis ressonâncias ou divergências entre o texto traduzido e o texto-fonte (Tymoczko, 2010, p. 233). Ao traduzir, o sujeito tradutor recria o texto a partir de um novo contexto, elaborando um novo discurso cujas implicações políticas, simbólicas e afetivas são atravessadas por variados fatores internos e externos à obra, o que inclui sua própria identidade, filiações ideológicas e a recepção do texto traduzido. Nesse sentido, toda tradução é, inevitavelmente, uma prática situada, caracterizada por estratégias discursivas que constroem sentidos em disputa e que jamais são neutras frente ao público que as acolhe.

Levando em consideração as questões culturais, linguísticas e ideológicas que permeiam o ato tradutório, este artigo apresenta um estudo de natureza analítico-empírica, com o intuito de investigar as percepções de leitores sobre os critérios que configuram uma “boa tradução” literária. A pesquisa concentra-se na recepção comparativa de traduções mais aderentes às marcas do texto de partida e de versões mais adaptadas às convenções da língua de chegada, buscando compreender como essas diferentes estratégias são avaliadas por um público leitor não especializado.

1. SENTIDOS DE TRADUÇÃO

Quando falamos sobre adaptação no contexto tradutório, referimo-nos a formas que não sejam apenas uma substituição de palavras de uma língua em outra, mas que capturem a essência do texto-fonte, reproduzindo sensações, intenções e efeitos que possam ser percebidos pelo leitor da língua de chegada. Para Benjamin, “toda tradução é apenas uma forma, de algum modo provisória, de lidar com a estranheza das línguas” (Benjamin, 2010, p. 215), sendo que a essência da linguagem reside na complementaridade de intenções entre as línguas. Ainda que as palavras e as estruturas gramaticais de diferentes línguas sejam completamente distintas, muitas vezes elas buscam expressar ideias análogas, o que exige do tradutor um exercício de interpretação e recriação. Dessa maneira, Benjamin contrasta a tarefa do tradutor com a do escritor: enquanto o escritor se volta diretamente à linguagem para criar, o tradutor busca, na língua de chegada, uma configuração possível que reverbere a intenção do texto de partida. A tarefa do tradutor, esmiúça o teórico,

consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado. Aqui está um traço que distingue tradução e obra poética, pois a intenção



desta nunca se dirige à língua enquanto tal, à sua totalidade, mas unicamente e sem qualquer mediação, a determinadas relações de teor linguístico. Porém, a tradução não se vê como a obra literária, mergulhada, por assim dizer, no interior da mata da linguagem, mas vê-se fora dela, diante dela e, sem penetrá-la, chama o original para que adentre aquele único lugar, no qual, a cada vez, o eco é capaz de reproduzir na própria língua a ressonância de uma obra da língua estrangeira (Benjamin, 2010, p. 217).

O tradutor é, portanto, um mediador entre culturas, consciente de que a literalidade muitas vezes não é o caminho mais eficaz para comunicar as nuances e a densidade expressiva de um texto. Essa consciência está ligada à compreensão da tradução como uma forma de arte por si só, atravessada por escolhas estéticas, políticas e éticas. Traduzir implica, assim, uma abertura diante do outro, ou o estrangeiro, e um engajamento ético com a diferença. Essa abertura, que evoca uma disposição para o encontro intercultural, é o que Paul Ricoeur (2011) descreve como “hospitalidade linguística”, na qual “o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro” (Ricoeur, 2011, p. 30).

Contudo, embora a linguagem seja relevante, Gayatri Spivak (1993, p. 180) adverte que “a linguagem não é tudo”, pois “ela é apenas uma pista vital sobre onde o eu perde suas fronteiras”. Por isso, a tradução lida com a linguagem de forma crítica, perseguindo as pistas políticas por meio de uma leitura das implicações dessa linguagem. Como ato de leitura decolonial, a tradução permite inquirir exatamente a “retórica da linguagem”, questionando “uma espécie de construção neocolonialista do cenário não ocidental” (Spivak, 1993, p. 181). A política da tradução se desdobra, afinal, como uma política de (re)leitura das linguagens e suas reverberações.

Essa crítica decolonial da linguagem também foi formulada por Ngũgĩ wa Thiong'o, para quem a descolonização da mente passa pela ruptura com o domínio das línguas europeias na produção literária africana. O autor afirma que “a linguagem, qualquer linguagem, tem um caráter duplo: é tanto um meio de comunicação quanto um veículo de cultura” (Ngũgĩ, 1986, p. 13), observando que a linguagem participa diretamente da formação subjetiva e das lutas históricas de um povo. Ao defender o uso das línguas africanas como meio de criação literária, Ngũgĩ enfatiza que a libertação cultural exige a retomada da própria linguagem como espaço de recriação das formas de expressão e imaginação das Áfricas, levando o escritor africano “a fazer por nossas línguas o que Spencer, Milton e Shakespeare fizeram pelo inglês; o que Pushkin e Tolstoi fizeram pelo russo; na verdade, o que todos os escritores da história mundial fizeram por suas línguas” (Ngũgĩ, 1986, p. 29). Ao recorrer à autotradução para a língua inglesa de suas obras escritas em gikuyu – uma língua africana –, Ngũgĩ reafirma em sua prática



criativa o princípio de que a linguagem é um território de disputa, empregando a própria tradução como um gesto de autodeterminação existencial e cultural.

O ato de traduzir é um processo intrincado de recriação, que envolve um conjunto de conhecimentos e habilidades extralingüísticas, que tornam a tarefa ainda mais complexa do que uma simples operação lingual. É preciso capturar o estilo e a forma do texto-fonte na nova língua e, como em um quebra-cabeça, cada frase ou palavra são peças que precisam se encaixar para formar uma nova imagem, mesmo que jamais idêntica à anterior. Em diálogo com Benjamin, Ricoeur argumenta que a verdadeira felicidade de traduzir reside justamente na aceitação das diferenças incontornáveis, pois “o sonho da tradução perfeita equivale ao desejo de um ganho para a tradução, de um ganho que seria sem perda. É justamente desse ganho sem perda que é preciso fazer o luto até a aceitação da diferença incontornável do próprio e do estrangeiro” (Ricoeur, 2011, p. 29).

Entre ganhos e perdas, a tradução eclode como um gesto de acolhida da diferença, ou seja, uma aproximação possível, que permite reconhecer a distância entre línguas e culturas como uma condição para a (re)elaboração de sentidos. Ao luto do controle discursivo corresponde a felicidade de ocupar o intervalo entre habitar a língua do outro e hospedar o outro na sua própria língua. O teórico constata que “é esse luto da tradução absoluta que faz a felicidade de traduzir. A felicidade de traduzir é um ganho quando, ligada à perda do absoluto linguístico, ela aceita a distância entre a adequação e a equivalência, a equivalência sem adequação. Nisso está sua felicidade” (Ricoeur, 2011, p. 29).

Ao compreender que a tradução perfeita é um ideal inalcançável, o tradutor pode encontrar felicidade no processo de recriação do texto-fonte, mesmo que isso envolva inevitáveis imperfeições. Benjamin e Ricoeur destacam, pois, as características basilares da tradução, reforçando que a literalidade tende a dar lugar à necessidade de construir sentidos, pois o gesto tradutório se revela muito mais amplo e complexo do que aquele previsto por ideais de transposição direta entre línguas. Precisamente, a aceitação de que o processo tradutório não é isento de perdas caminha junto à busca por uma tradução capaz de ativar camadas de significado do texto de partida e promover deslocamentos interpretativos que reafirmem suas valências em novos contextos de leitura.

Considerando que “a tradução não acontece no vácuo, mas em um contínuo” e que “não é um ato isolado, mas parte de um processo contínuo de transferência intercultural” (Bassnett; Trivedi, 2002, p. 2), o ato de traduzir é compreendido aqui por sua plasticidade discursiva e por seu papel ativo na mediação cultural. Assim, a tendência é que traduções mais adaptadas e sensíveis às nuances culturais proporcionem uma experiência mais ressoante ao leitor da língua de chegada, que vai desempenhar o papel de (re)interpretar o texto traduzido. Como observa Maria Aparecida Salgueiro (2014),



a tradução não só permite a compreensão das variáveis reconstruções do ‘Outro’ através de línguas e culturas, como também nos dá as condições necessárias para se visualizar como a própria tradução pode apresentar novas possibilidades de interpretação que podem afetar a forma através da qual leitores da cultura alvo avaliam não apenas uma obra específica de literatura estrangeira, mas, em última instância, a sua própria literatura, também (Salgueiro, 2014, p. 87-88).

À luz das dinâmicas que mobilizam as reflexões teóricas dos Estudos da Tradução, procuramos refletir a respeito da natureza ambivalente do ofício do tradutor e as complexidades envolvidas no processo de recriação tradutória de significados. Ao reconhecer e valorizar as diferentes abordagens e práticas no campo, podemos apreciar a tradução como uma arte que enriquece o diálogo intercultural. Como veremos a seguir, observar e analisar a recepção dos leitores diante de traduções contrastantes abre espaço para inúmeras ponderações, evidenciando a necessidade de considerar uma gama mais ampla de fatores ao avaliar o sucesso de uma tradução e apontando caminhos para investigações futuras.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, empregamos um questionário *online* como instrumento de coleta de dados, visando examinar as preferências dos participantes em relação a duas abordagens distintas na tradução de textos literários. Os dados coletados revelaram percepções importantes sobre como diferentes estratégias tradutórias são avaliadas pelos leitores.

O estudo combinou análises quantitativas e qualitativas para examinar as respostas, buscando identificar tendências e padrões significativos. Ferramentas estatísticas foram utilizadas para verificar a significância das diferenças nas avaliações entre traduções diretas e adaptadas. Ao todo, foram obtidas 186 respostas. A análise quantitativa possibilitou compreender com maior precisão as preferências dos participantes, enquanto a qualitativa ofereceu indícios sobre as motivações que sustentam essas escolhas. As perguntas sobre o perfil dos respondentes foram essenciais para contextualizar as respostas, permitindo observar como variáveis demográficas – como idade e frequência de leitura de obras traduzidas – influenciam suas percepções. Esses elementos contribuíram para uma leitura abrangente e detalhada dos resultados.

Para a amostragem de tradução foram escolhidas as traduções em língua portuguesa dos poemas “Ainda assim eu me levanto” (2020) e “Mulher fenomenal” (2020) de Maya Angelou, bem como dos romances *O olho mais azul* (2019) de Toni Morrison, e *Seus olhos*



viam Deus (2021) de Zora Hurston. Essas obras, que englobam poesia e prosa, foram selecionadas para fornecer uma variedade representativa de estilos literários e gêneros, possibilitando uma análise abrangente das abordagens de tradução oficial e adaptada.

Cada autora apresenta características estilísticas singulares. Hurston “foi a primeira a criar uma linguagem e imagens que refletiam a realidade da vida das mulheres negras”, enraizando sua arte “nas tradições culturais do Sul rural negro” (Wall, 1993, p. 76). Morrison, por sua vez, compreendia que a função do romance “não é instruir o leitor por meio da elaboração de narrativas formulaicas e com finais predeterminados, mas sim iluminar e dialogar com os conflitos sociais e culturais, fazendo jus às suas complexidades” (Lister, 2009, p. 13). Já Angelou, em sua poesia, “utiliza recursos poéticos que deslocam a linguagem do belo e sublime para o vulgar e até escatológico, porque é assim que a vida real é”, criando frases que “vão desde uma linguagem refinada até a fala das ruas” e “sons musicais de celebração com uma estética do *blues*, mas imbuindo esses sons com a emoção do gospel” (Thursby, 2011, p. 169).

O questionário foi cuidadosamente estruturado para coletar dados tanto quantitativos quanto qualitativos e contou com duas seções principais. A primeira concentrou-se na coleta de informações sobre o perfil dos participantes, com o objetivo de contextualizar as respostas e permitir uma análise mais aprofundada. Nessa etapa, foram levantados dados demográficos e hábitos de leitura, essenciais para compreender como diferentes trajetórias podem influenciar as percepções sobre a tradução literária. A segunda seção foi dedicada à avaliação de pares de trechos traduzidos, cada um contendo duas versões do mesmo excerto – uma tradução direta e outra adaptada. Os participantes foram convidados a indicar qual das alternativas consideravam mais eficaz, precisa e adequada do ponto de vista cultural, social e linguístico, levando em conta também aspectos de variação linguística. Essa estrutura favoreceu uma comparação sistemática entre as abordagens de tradução, contribuindo para uma análise tanto estatística quanto interpretativa dos dados obtidos.

3. TRADUZINDO RESULTADOS E PERCEPÇÕES

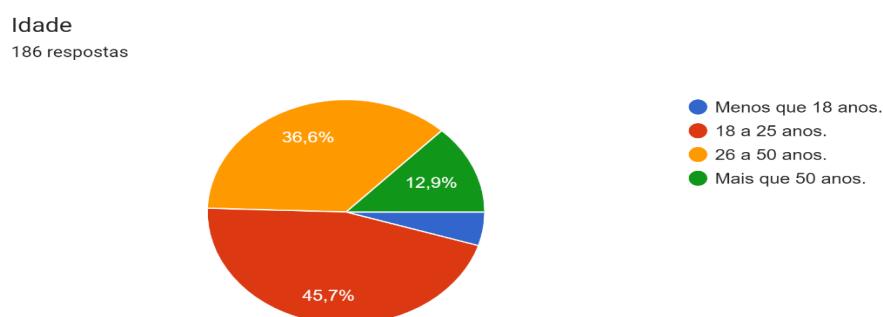
Os dados do questionário *online* revelaram as preferências dos participantes em relação às abordagens de tradução literária, combinando análises quantitativas e qualitativas. A análise quantitativa identificou tendências e padrões significativos nas avaliações das traduções diretas *versus* adaptadas, enquanto a análise qualitativa explorou as razões dessas preferências. As características demográficas, como idade e frequência de leitura de obras traduzidas, foram essenciais para as respostas, oferecendo uma visão abrangente de como diferentes perfis influenciam as percepções sobre traduções literárias.



Ferramentas estatísticas ajudaram a verificar a significância das diferenças nas avaliações, permitindo uma compreensão detalhada dos resultados.

Como se observa na figura 1, a maioria dos participantes da pesquisa está na faixa etária de 18 a 25 anos, o que reflete a divulgação em ambientes universitários. Ainda assim, 49,5% têm mais de 25 anos, o que evidencia uma diversidade geracional que enriquece as percepções sobre tradução literária.

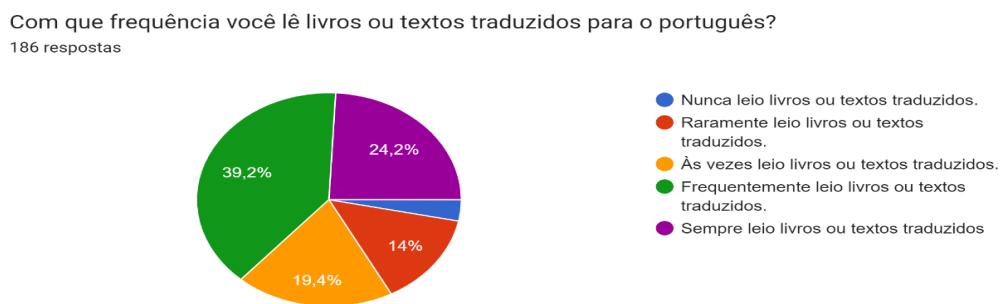
Figura 1 – Distribuição etária dos participantes da pesquisa



Fonte: Os autores e Formulários Google.

A frequência de leitura de obras traduzidas varia entre os participantes da pesquisa (figura 2). Mais da metade afirma lê-las sempre ou frequentemente, enquanto apenas 3,2% declararam nunca ter esse hábito, o que sugere que a tradução não representa um obstáculo relevante para a maioria dos leitores.

Figura 2 – Frequência de leitura de livros ou textos traduzidos para o português pelos participantes



Fonte: Os autores e Formulários Google.

Além disso, conforme apresentado na figura 3, a qualidade da tradução é considerada crucial por 84,9% dos participantes no momento da escolha de livros traduzidos, evidenciando uma expectativa elevada quanto à precisão e competência tradutória.

**Figura 3 – Importância da qualidade da tradução na escolha de livros traduzidos**

Ao escolher um livro traduzido para ler, você considera a qualidade da tradução importante?
186 respostas

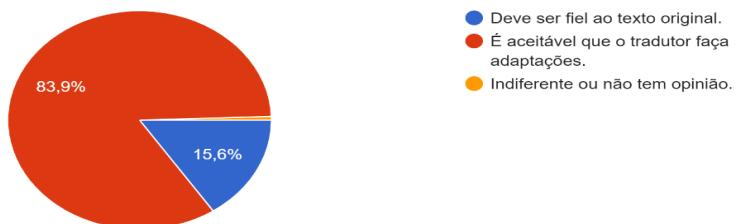


Fonte: Os autores e Formulários Google.

No que diz respeito às estratégias de tradução, observa-se, a partir da figura 4, que 83,9% dos respondentes consideram aceitável que o tradutor realize adaptações para melhorar a compreensão na língua de destino, enquanto 15,6% defendem o que entendem como fidelidade ao texto-fonte. Esses dados assinalam uma forte valorização da acessibilidade na tradução literária, o que pode revelar uma expectativa por abordagens tradutórias mais criativas e culturalmente sensíveis.

Figura 4 – Preferências entre fidelidade ao texto-fonte e adaptação na tradução literária

Você acredita que uma boa tradução deve ser fiel ao texto original, ou é aceitável que o tradutor faça adaptações para melhorar a compreensão na língua de destino?
186 respostas



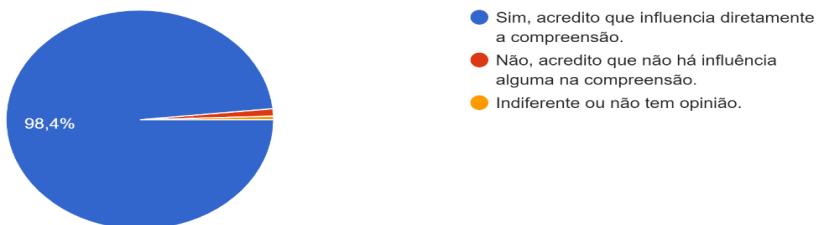
Fonte: Os autores e Formulários Google

Por fim, como demonstrado na figura 5, a quase totalidade dos participantes (98,4%) acredita que a tradução influencia significativamente sua compreensão e apreciação da obra, o que reforça o papel fundamental do tradutor na mediação cultural e literária.



Figura 5 – Percepção sobre a influência da tradução na compreensão e apreciação de obras literárias

Você acredita que a tradução de um texto pode influenciar significativamente a sua compreensão e apreciação da obra?
186 respostas



Fonte: Os autores e Formulários Google.

Para avaliar as preferências dos participantes entre versões mais literais e mais adaptadas, foram elaboradas seis comparações com trechos de obras das autoras supracitadas. A seguir, apresentamos os principais resultados dessas análises (figuras 6 a 11), com destaque para as tendências observadas nas escolhas dos respondentes.

Todos os pares apresentados nas figuras 6 a 11 foram acompanhados do seguinte enunciado:

Abaixo, apresentamos duas traduções que correspondem ao mesmo trecho de uma obra afro-americana. Por favor, avalie e indique qual das alternativas de tradução você considera mais eficaz, precisa e adequada do ponto de vista cultural, social e linguístico. Também leve em consideração aspectos de variação linguística. Evite respostas neutras e tente expressar uma preferência clara entre as opções apresentadas.

Na comparação 1 (figura 6), observa-se uma forte preferência pela tradução A, considerada significativamente melhor do que a B por 45,7% dos participantes e levemente melhor por 15,6%, totalizando 61,3% de avaliações favoráveis. Apenas 30,1% optaram pela tradução B (21% de forma significativa e 9,1% de forma leve), enquanto 8,6% consideraram as duas igualmente boas. Essa tendência realça uma tradução que recria as marcas do African American Vernacular English (AAVE) por meio de uma forma próxima do Pretuguês – recurso evidente na versão A e que demonstra o princípio de que ambas são formas de linguagem negra (Rodrigues, 2024). Ao optar por expressões como “num sabe”, “pra ver se foi tudo certo ou não” e “um monte de bolinho de fubá”, a tradução A reproduz traços culturais e estilísticos centrais da obra de Hurston, estabelecendo um vínculo mais potente com a cadência e os afetos da fala negra no contexto afro-diaspórico.



Já a versão B, embora mais formal e gramaticalmente padronizada, parece ter perdido parte da expressividade e do enraizamento cultural do trecho original.

Figura 6 – Comparação 1

A) “— Pra começar, gente que nem eles gasta tempo demais falando das coisa que num sabe. Agora eles tem de xeretar meu namoro com Tea Cake... viam Deus. Rio de Janeiro: Record, 2021, p. 5.
186 respostas



Fonte: Os autores e Formulários Google.

A) — Pra começar, gente que nem eles gasta tempo demais falando das coisa que num sabe. Agora eles tem de xeretar meu namoro com Tea Cake, pra ver se foi tudo certo ou não! Eles num sabe se a vida é um monte de bolinho de fubá, se o amor é uma colcha de retalho! (Hurston, 2021, p. 20).

B) — Para começar, pessoas como eles perdem muito tempo investindo em coisas sobre as quais não sabem nada. Agora eles vão ver se eu adoro Tea Cake e ver se foi feito certo ou não! Eles não sabem se a vida é uma bagunça de bolinhos de fubá e se o amor é uma colcha de cama!¹ (Hurston, 2004, p. 8, tradução nossa).

Na Comparaçõ 2 (figura 7), a tradução B foi amplamente preferida pelos participantes: 41,4% a consideraram significativamente melhor e 25,8% levemente melhor do que a A, totalizando 67,2% de avaliações favoráveis. Em contraste, apenas 9,1% dos respondentes consideraram a tradução A levemente superior, e 8,6% (somando-se àqueles que consideraram as versões iguais) não estabeleceram distinções marcantes entre as opções. Essa escolha majoritária por B indica uma tendência a valorizar construções sintáticas mais naturais em português e uma linguagem mais fluida e emocionalmente eficaz. A versão B opta por termos como “carrancudo” e “essa emoção o teria destruído”, que parecem transmitir com mais precisão o tom psicológico da cena, ao passo que a versão A adota uma sintaxe mais truncada e termos como “taciturno” e “tal emoção”, que soam mais distantes ou literários, possivelmente enfraquecendo o impacto emocional do trecho. A diferença entre “cultivou” e “cultivava”, por exemplo, também aponta para

¹ “To start off wid, people like dem wastes up too much time puttin’ they mouf on things they don’t know nothin’ about. Now they got to look into me loving Tea Cake and see whether it was done right or not! They don’t know if life is a mess of corn-meal dumplings, and if love is a bed-quilt!” (Hurston, 2004, p. 8).



uma distinção no aspecto verbal que altera a temporalidade e a progressividade da ação, o que pode ter influenciado a percepção de verossimilhança e expressividade por parte dos leitores.

Figura 7 – Comparação 2

A) "Taciturno, irritado, ele cultivou seu ódio por Darlene. Nunca ele uma vez considerou direcionar seu ódio para os caçadores. Tal emoção o teria de...ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.106.
186 respostas



Fonte: Os autores e Formulários Google.

- A) Taciturno, irritado, ele cultivou seu ódio por Darlene. Nunca ele uma vez considerou direcionar seu ódio para os caçadores. Tal emoção o teria destruído (Morrison, 2019, p. 106).
B) Carrancudo, irritado, ele cultivava o ódio que sentia por Darlene. Em nenhum momento pensou em dirigir o ódio contra os caçadores. Essa emoção o teria destruído.² (Morrison, 2007, p. 151, tradução nossa).

Na Comparação 3 (figura 8), houve uma vantagem da tradução B: 33,9% dos participantes a consideraram significativamente melhor que a A, e 32,3% a avaliaram como levemente melhor, somando 66,2% de preferência. A versão A foi avaliada como significativamente melhor por apenas 6,5% dos respondentes, e levemente melhor por 10,2%. Além disso, 17,2% consideraram ambas igualmente boas. A diferença entre as versões é marcada sobretudo por escolhas de tom e musicalidade. A versão A apresenta a repetição enfática “Eu levanto”, o uso de “saltitante” e “brotando”, que evocam leveza e movimento súbito, quase lúdico. Já a versão B opta por termos como “me levanto”, “pulsante” e “crescendo”, que transmitem organicidade, força e continuidade – características mais diretamente relacionadas ao estilo e à cadência da poesia de Angelou. A preferência pela versão B parece indicar que os leitores valorizaram o ritmo crescente e a força emocional da tradução, que melhor espelha a potência performativa do poema-fonte. O uso de “pulsante”, por exemplo, é particularmente eficaz ao traduzir a imagem do oceano como entidade viva e resiliente, aspecto central da obra da autora. Esse resultado revela uma sensibilidade do público à musicalidade e à carga semântica dos termos

² “Sullen, irritable, he cultivated his hatred of Darlene. Never did he once consider directing his hatred toward the hunters. Such an emotion would have destroyed him” (Morrison, 2007, p. 150).



escolhidos, sugerindo que, em traduções poéticas, o impacto sensorial e afetivo pode ter mais peso do que a literalidade.

Figura 8 – Comparação 3

A) “(...) Fora das cabanas da vergonha da história Eu levanto Acima de um passado que está enraizado na dor Eu levanto Sou um oceano negro...OU, Maya. São Paulo: Astral Cultural, 2020, p.176.
186 respostas



Fonte: Os autores e Formulários Google.

- A) [...] Fora das cabanas da vergonha da história/ Eu levanto/ Acima de um passado que está enraizado na dor/ Eu levanto/ Sou um oceano negro, vasto e saltitante,/ Brotando e inchando eu carrego na maré (Angelou, 1994, p. 164, tradução nossa).³
B) [...] Saindo das cabanas da vergonha da história/ Eu me levanto/ De um passado enraizado na dor/ Eu me levanto/ Sou um oceano negro, vasto e pulsante,/ Crescendo e jorrando eu carrego a maré (Angelou, 2020, p. 175- 176).

Na Comparação 4 (figura 9), a maioria dos participantes demonstrou preferência pela tradução A: 42,5% a consideraram significativamente melhor que a B, enquanto 23,1% a avaliaram como levemente superior, totalizando 65,6% de respostas favoráveis. A tradução B foi avaliada como significativamente melhor por 8,1% dos participantes, enquanto 15,1% a avaliaram como levemente melhor. Um total de 11,3% considerou ambas igualmente boas. A preferência pela versão A pode estar relacionada à maior naturalidade coloquial do diálogo, que recorre a expressões como “aquela vaca” e “cachorrão”, capazes de transmitir com mais força o tom afetivo, indignado e, ao mesmo tempo, irônico das personagens. A versão B, por outro lado, embora revele preocupações com a precisão e com a manutenção de termos como “honesto como Deus”, apresenta escolhas lexicais mais neutras – como “novilha” e “cachorro velho” – que, apesar de corretas, podem soar menos impactantes. Além disso, a versão A parece mais sintonizada com a oralidade popular brasileira, o que pode explicar sua recepção mais calorosa por parte dos respondentes. Em termos tradutórios, esse resultado reforça a ideia de que recriar o tom afetivo e as tensões sociais da linguagem de partida, inclusive com marcas

³ “Out of the huts of history’s shame/ I rise/ Up from a past that’s rooted in pain/ I rise/ I’m a black ocean, leaping and wide,/ Welling and swelling I bear in the tide” (Angelou, 1994, p. 164).



de ironia e julgamento moral, pode ser mais eficaz do que uma tradução que prioriza a equivalência gramatical ou literal.

Figura 9 – Comparação 4

A) “— Isso mesmo. Bom, alguém perguntou para ele por que ele deixou uma mulher simpática, boa e devota como a Della por aquela vaca. Você sabe ...”^{aed}. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 9.
186 respostas



Fonte: Os autores e Formulários Google.

A) — Isso mesmo. Bom, alguém perguntou para ele por que ele deixou uma mulher simpática, boa e devota como a Della por aquela vaca. Você sabe que a Della sempre foi muito cuidadosa com a casa. E ele respondeu que a verdadeira razão era que ele não aguentava mais a água de violetas que Della Jones usava. Disse que queria uma mulher que cheirasse como uma mulher, que a Della era limpa demais para ele.

— Cachorrão. Tem cabimento uma coisa dessas? (Morrison, 2007, p. 13, tradução nossa).⁴

B) — Essa mesmo. Bem, alguém lhe perguntou por que ele deixou uma boa mulher da igreja como Della por aquela novilha. Você sabe que Della sempre manteve uma boa casa. E ele disse que a verdadeira razão, honesta como Deus, era que ele não aguentava mais aquela água violeta que a Della Jones usava. Disse que queria que uma mulher cheirasse como uma mulher. Disse que Della era limpa demais para ele.

— Cachorro velho. Isso não é desagradável?
(Morrison, 2019, p. 17).

A Comparação 5 (figura 10) indica uma preferência expressiva pela tradução B, escolhida por 59,7% dos participantes (somando avaliações significativas e leves), enquanto a tradução A recebeu apenas 26,9% de avaliações favoráveis, e 13,4% consideraram ambas igualmente boas. A predominância de B parece decorrer de sua oralidade mais marcada, com expressões como “num parece mais de quarenta” e “tá velha demais prum menino”, que aproximam o diálogo da cadência estilística de Hurston e da

⁴ “‘That’s the one. Well, somebody asked him why he left a nice good church woman like Della for that heifer. You know Della always did keep a good house. And he said the honest-to-God real reason was he couldn’t take no more of that violet water Della Jones used. Said he wanted a woman to smell like a woman. Said Della was just too clean for him.’

‘Old dog. Ain’t that nasty!’” (Morrison, 2007, p. 13).



musicalidade do Pretuguês. Já a versão A, mais neutra e menos ritmada, produz menor impacto expressivo. Assim, os dados reforçam a propensão a traduções que recriam com maior vigor o registro cultural e afetivo do texto-fonte.

Figura 10 – Comparação 5

A) "— Naquela época ela não é tão velha quanto alguns de vocês estão falando. — Pelo que sei, ela já passou dos quarenta, Pheoby. — Não mais de qu...viam Deus. Rio de Janeiro: Record, 2021, p.18.
186 respostas



Fonte: Os autores e Formulários Google.

- A) — Naquela época ela não é tão velha quanto alguns de vocês estão falando.
— Pelo que sei, ela já passou dos quarenta, Pheoby.
— Não mais de quarenta lá fora.
— Ela é velha demais para um garoto como Tea Cake.
— Tea Cake não é mais um garoto há algum tempo. Ele também tem cerca de trinta anos (Hurston, 2004, p. 4, tradução nossa).⁵
B) — Até que ela num é tão velha quanto muitas das que tão falando.
— Pelo que eu sei, ela já passou um bocado dos quarenta, Pheoby.
— Num parece mais de quarenta.
— Tá velha demais prum menino que nem Tea Cake.
— Tea Cake já não é mais menino faz um bocado de tempo. Anda aí pelos seus trinta (Hurston, 2021, p.18).

Na Comparação 6 (figura 11), nota-se uma preferência marcante pela tradução A: 50% dos participantes a consideraram significativamente melhor que a B, e outros 27,4% a julgaram levemente superior, somando 77,4% de avaliações favoráveis. Apenas 9,1% dos respondentes preferiram a tradução B (6,5% de forma significativa e 2,6% de forma leve), enquanto 12,9% consideraram ambas igualmente boas. Esse resultado aponta para uma nítida inclinação para uma tradução que opta por uma linguagem mais poética, fluida e sóbria, características presentes na versão A. Ao escolher expressões como “Eu entro em um lugar/ Com toda a tranquilidade” e “me rodeiam como um enxame”, a tradução A

5 “At dat she ain’t so ole as some of y’all dat’s talking.”

“She’s way past forty to my knowledge, Pheoby.”

“No more’n forty at de outside.”

“She’s ‘way too old for a boy like Tea Cake.”

“Tea Cake ain’t been no boy for some time. He’s round thirty his ownself” (Hurston, 2004, p. 4).



recria o tom cerimonioso, elegante e performático da voz lírica de Angelou, sem recorrer a marcas de oralidade excessivamente informalizadas.

A versão B, ao contrário, adota uma linguagem mais coloquial e contemporânea (“tão legal quanto você quiser”, “eles se aglomeram ao meu redor”), o que, embora possa aproximar a tradução de um público mais jovem, resulta numa perda significativa da solenidade e da musicalidade do poema-fonte. A ampla preferência pela versão A pode ser interpretada como um reconhecimento da importância de se recriar o ritmo, o lirismo e a dignidade performativa da escrita de Angelou, cujo engajamento político e estético se manifesta também na escolha e na cadência das palavras.

Figura 11 – Comparaçao 6

A) (...) "Eu entro em um lugar Com toda a tranquilidade, E encontro um homem, Seus amigos se levantam ou Caem de joelhos. Então, eles me rodeiam...U, Maya. São Paulo: Astral Cultural, 2020, p.142.
186 respostas



Fonte: Os autores e Formulários Google.

- A) [...] Eu entro em um lugar/ Com toda a tranquilidade,/ E encontro um homem,/ Seus amigos se levantam ou/ Caem de joelhos./ Então, eles me rodeiam como um enxame,/ Uma colmeia de abelhas (Angelou, 1994, p. 130, tradução nossa).⁶
- B) [...] Eu entro em uma sala/ Tão legal quanto você quiser,/ E para um homem,/ Os companheiros se levantam ou/ Se ajoelham./ Então eles se aglomeram ao meu redor,/ Uma colmeia de abelhas (Angelou, 2020, p. 142-143).

De modo geral, os dados evidenciam a preferência por traduções que priorizam efeitos poéticos, ritmo e marcas culturais, reforçando o apreço por abordagens sensíveis às demandas interpretativas da comunidade de recepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo revelam uma valorização consistente de traduções literárias que se afastam da literalidade para se aproximar da oralidade, do ritmo e das marcas culturais

⁶ "I walk into a room/ Just as cool as you please,/ And to a man,/ The fellows stand or/ Fall down on their knees./ Then they swarm around me,/ A hive of honey bees" (Angelou, 1994, p. 130).



das comunidades afro-diaspóricas representadas nos textos. A recepção amplamente favorável às versões adaptadas indica que leitores reconhecem e preferem escolhas tradutórias capazes de acentuar o impacto afetivo, a naturalidade sintática e a expressividade estética em português.

Ao investigar as preferências entre abordagens mais literais e mais livres, observou-se uma tendência: as versões adaptadas foram majoritariamente consideradas mais eficazes por sua fluidez, acessibilidade e sensibilidade cultural. A linguagem coloquial e os ajustes contextuais realizados nas traduções mais flexíveis contribuíram para sua aceitação em todas as comparações analisadas.

Esses achados reforçam a relevância de práticas tradutórias que, longe de se limitarem à equivalência textual, buscam recriar sentidos com atenção aos efeitos poéticos e performativos das obras. Em síntese, o estudo destaca a importância de uma tradução literária que equilibre autenticidade e engajamento cultural, reconhecendo o papel do tradutor como agente ativo na mediação entre mundos e vozes.

Apesar da relevância dos resultados, este trabalho possui limitações. A preferência majoritária por traduções adaptadas não elimina a possibilidade de riscos discursivos, como a cristalização de estereótipos ou a excessiva domesticação de marcas culturais que poderiam demandar um tratamento mais crítico e situado. Além disso, esta pesquisa focou na recepção, deixando em aberto a necessidade de investigações futuras voltadas para as práticas de tradução, sobretudo no que se refere às especificidades dos tradutores negros. Outro aspecto que merece atenção posterior são as implicações pedagógicas desses achados para o ensino de tradução no Brasil, visando a refletir sobre a formação crítica de tradutores com sensibilidade para as questões raciais e políticas que atravessam os textos afro-diaspóricos.

Se Lawrence Venuti (1995) associa a fluidez da tradução à invisibilidade do tradutor, este estudo sugere outra perspectiva. É na dimensão criativa, situada e engajada da tradução que as escolhas do tradutor se tornam visíveis e significativas. Afinal, como prioriza Paul F. Bandia (2010, p. 169), há “expressões de resistência” que precisam se traduzidas, pois são práticas linguísticas que emergem das lutas sociais e das dinâmicas de poder específicas dos territórios pós-coloniais. Ao valorizar a performance cultural e política do texto de autoria negra, os leitores reconhecem a presença ativa do tradutor, evidenciando a importância de uma agência tradutória comprometida com o (con)texto de chegada e suas ressonâncias raciais.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Poesia completa**. Trad. Lubi Prates. São Paulo, SP: Astral Cultural, 2020.

ANGELOU, Maya. **The complete collected poems of Maya Angelou**. Nova York: Random House, 1994.



BANDIA, Paul F. Literary heteroglossia and translation: translating resistance in contemporary African francophone writing. In: TYMOCZKO, Maria (ed.). **Translation, resistance, activism**. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2010, p. 168-189.

BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (eds.). **Post-colonial translation: theory and practice**. London: Routledge, 2002.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (org.). **Antologia bilíngue: clássicos da teoria da tradução**. 2. ed. revisada e ampliada. Florianópolis, SC: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010, p. 201-231.

CARDOSO, R. O. Historicidade da tradução em Benjamin e um estudo de caso. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 22, n. 36, p. 30-50, jan. 2019.

HURSTON, Zora Neale. **Seus olhos viam Deus**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2021.

HURSTON, Zora Neale. **Their eyes were watching God**. Nova York: PerfectBound, 2004.

LANDERS, Clifford E. **Literary translation: a practical guide**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2001.

LISTER, Rachel. **Reading Toni Morrison**. Santa Barbara: Greenwood Press, 2009.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Trad. Manoel Paulo Ferreira. 2^a ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **The bluest eye**. Nova York: Vintage Books, 2007.

NGÜGÏ wa Thiong'o. **Decolonising the mind: the politics of language in African literature**. Portsmouth, NH: Heinemann; Oxford: James Currey; Nairobi: East African Educational Publishers, 1986.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2011.

RODRIGUES, Felipe Fanuel Xavier. Cidinha da Silva, *Um Exu em Nova York* (selected stories). **Absinthe: World Literature in Translation**, 30, p. 257-266, 2024.

SALGUEIRO, Maria Aparecida. Traduzindo literatura da diáspora africana para a língua portuguesa do Brasil: o particular, o pós-colonial e o global. **Cadernos de Tradução**, [s. l.], v. 1, n. esp., p. 262-276, 2014.



SPIVAK, Gayatri Chakravorty Spivak. **Outside in the teaching machine**. New York: Routledge, 1993.

THURSBY, Jacqueline S. **Critical companion Maya Angelou**: a literary reference to her life and work. Nova York: Facts On File, 2011.

TYMOCZKO, Maria. The space and time of activist translation. In: TYMOCZKO, Maria (ed.). **Translation, resistance, activism**. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2010, p. 227-254.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility**: a history of translation. Londres: Routledge, 1995.

WALL, Cheryl A. Zora Neale Hurston: changing her own words. In: GATES, Jr., Henry Louis; APPIAH, Kwame Anthony. **Zora Neale Hurston**: critical perspectives past and present. Nova York: Amistad, 1993, p. 76-97.